

jane austen diante do mar natalie jenner

Tradução de Nanci Marcelino



Livros com sexto sentido

*Para Jane
que salvou a minha vida*

— e —

*para Lindsay Shirreff, M. D.
que a salvou outra vez*

Durante todos estes séculos, as mulheres têm servido de espelho, possuindo o poder mágico e encantador de refletir a imagem do homem com o dobro do tamanho natural deste. Sem esse poder, provavelmente a terra ainda seria só pântano e selva... É por isso que Napoleão e Mussolini insistem, de forma tão enfática, na inferioridade das mulheres, pois, se elas não fossem inferiores, perderiam o poder de ampliar.

— Virginia Woolf

Um horizonte desimpedido — nada com que se preocupar, só coisas que sejam criativas e não destrutivas... Acho que é esse nível de felicidade a que quero chegar.

— Alfred Hitchcock

Um homem tem sempre dois motivos para fazer algo: um bom motivo e o verdadeiro motivo.

— J. P. Morgan

A vida não é nada sem entusiasmos.

— Dr. Richard Pankhurst

PERSONAGENS



Os BOSTONIANOS

WILLIAM STEVENSON, viúvo e juiz no Supremo Tribunal de
Justiça de Massachusetts

THOMAS NASH, solteiro e juiz no Supremo Tribunal de
Justiça de Massachusetts

CHARLOTTE STEVENSON, filha mais nova descontente do
juiz Stevenson

HENRIETTA STEVENSON, filha mais velha descontente do
juiz Stevenson

ANNA DICKINSON, conhecida nos palcos como a Rapariga
Palestrante

CONSTANCE DAVENISH, *bluestocking* (mulher intelectual)
de Boston

FRANCIS CHILD, Ph.D., professor de Retórica e Eloquência
em Harvard

SAMUEL CARTER, cocheiro da família Stevenson

LOUISA MAY ALCOTT, escritora e companheira de viagem

PHILIP MACKENZIE, EZEKIEL PEABODY, ADAM
FULBRIGHT, RODERICK NORTON e CONOR
LANGSTAFF, juízes do Supremo Tribunal de Justiça de
Massachusetts

GRAYDON SAUNDERS, sulista e advogado de Boston

PEQUENO BOBBIE ACHESON, criança de rua e ardina

OS FILADELFIENSES

NICHOLAS NELSON, comerciante de livros raros e soldado da Guerra Civil

HASLETT NELSON, comerciante de livros raros e soldado da Guerra Civil

SARA-BETH GLEASON, filha do senador de estado e ocasional jogadora a dinheiro

OS BRITÂNICOS

DENHAM SCOTT, correspondente estrangeiro do *Reynoldss's Newspaper*

SIR FRANCIS AUSTEN, almirante da Armada e irmão de Jane Austen

GEORGE FLINT, criado de Portsdown Lodge

FANNY-SOPHIA AUSTEN, filha e cuidadora do almirante Austen

RICHARD FAWCETT ROBINSON, empresário do mundo do teatro de Londres

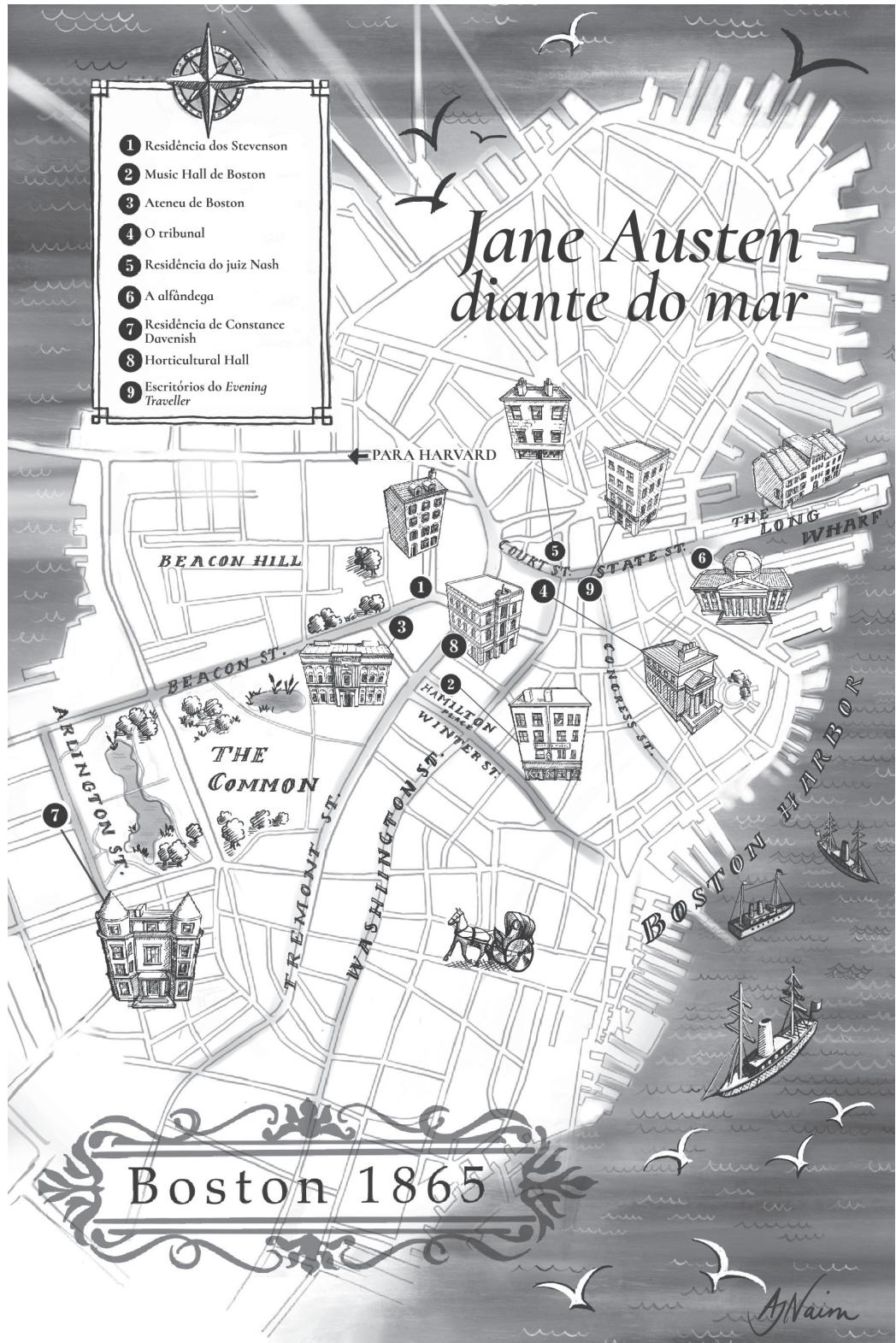
VALENTINE NORRIS, capitão do SS *China*

SENHORA BERWICK, governanta da casa Chawton Great House

PETER WRIGHT, inquilino da antiga casa de campo em Chawton

SIR CRESSWELL CRESSWELL, juiz de Londres e fisionomista amador

DR. RICHARD PANKHURST, advogado do Lincoln's Inn



JANE AUSTEN DIANTE DO MAR



| | |
|--------------|------------|
| Livro Um | BOSTON |
| Livro Dois | O MAR |
| Livro Três | HAMPSHIRE |
| Livro Quatro | O TRIBUNAL |

LIVRO UM



BOSTON

| | |
|--------|--|
| Um | O sino toca a uma hora |
| Dois | No que a Rapariga Palestrante vem à cidade |
| Três | Alguma satisfação de ficar a saber |
| Quatro | Ó, Capitão! Meu Capitão! |
| Cinco | O orgulho da Academia Peacock |
| Seis | Um par de raparigas intelectuais |
| Sete | A cidade do amor fraternal |
| Oito | O efeito Benjamin Franklin |
| Nove | Acordar para a vida |
| Dez | <i>Persuasão</i> |
| Onze | <i>De la Terre à la Lune</i> |
| Doze | O naufrágio do <i>Admiral DuPont</i> |

UM



O SINO TOCA A UMA HORA

*Supremo Tribunal de Justiça de Massachusetts
5 de abril de 1865*

Seis juízes estavam reunidos à porta fechada para apreciarem o caso perante eles. Um sétimo juiz escusara-se devido a um conflito, deixando a temível possibilidade de um empate. Certamente que, tendo em conta os precedentes e a natureza litigiosa da questão, era pouco provável que estes homens chegassem a um acordo.

Já anoitecera há bastante tempo, e as dissertações orais prosseguiam demoradas. Durante a sessão à porta fechada, várias haviam sido as vezes em que fora realizado o reabastecimento de alimentos e bebidas: pratos de vitela fria e salada verde, um decantador de Madeira e uma grande cafeteira de prata com café de cor acastanhada.

O juiz Philip Mackenzie era quem conduzia a discussão. Sobre o livro encadernado a carneira diante dele, ia batendo com um dedo num ritmo impaciente, enquanto o juiz Ezekiel Peabody continuava a falar no seu tom monótono, no habitual apelo a comedimento. Por fim, fez-se silêncio. O juiz Peabody voltou a encher a taça que tinha à frente; o juiz Mackenzie parou de bater com o dedo.

— Então? — Olhou diretamente para os outros cinco rostos espalhados pela sala. — Estamos, finalmente, prontos para votar?

O juiz presidente do supremo tribunal, Adam Fulbright, esfregou o queixo salpicado por barba; depois de décadas passadas a ouvirem alegações em tribunal, e com uma notável exceção, todos os juízes tinham cabelos grisalhos e eram corpulentos.

— O meu voto preliminar é a favor.

Metade da sala suspirou. Apesar das suas qualidades de chefia, o juiz presidente era o membro mais brando do tribunal.

— Só pode estar a brincar! — O juiz Roderick Norton virou-se para o ocupante do cadeirão de orelhas à sua esquerda. — Diga-me, William, que está em desacordo. O senhor, que considera sempre as ideias mais pertinentes do que encantos superficiais. Só a Sentença de Mansfield confere um peso inegável à nossa posição.

O juiz William Stevenson pôs o dedo indicador no ar.

— As minhas filhas...

Com isto, todos os homens começaram a resmungar.

— ... cavalheiros, cavalheiros, acalmai-vos. As duas jovens senhoras são peritas nesta questão, facto de que vós bem vos deveríeis lembrar. Elas concordam sinceramente com o juiz presidente, tal como eu. Portanto, resta o Nash.

O juiz Thomas Nash era a notável exceção, o membro mais jovem do tribunal. Estava recostado na poltrona mais próxima da lareira, com as pernas esticadas e cruzadas sobre os tornozelos, e dedos entrelaçados por trás da sua cabeça coberta por um farto cabelo louro e completa com umas longas patilhas elegantes.

— Receio ter de concordar com as Meninas Stevenson, desta vez.

— Sendo assim, temos uma maioria, Fulbright, Stevenson, Nash e eu próprio, de acordo de que este texto — o juiz Mackenzie acenou com o volume à frente do grupo — é o exemplo supremo da genialidade da sua autora.

Mackenzie levantou-se, pousou o volume sobre os outros cinco em cima de uma mesa lateral e, depois, com cautela, e até mesmo reverênci, endireitou a pilha com ambas as mãos. Os outros homens também se levantaram, despindo as becas que traziam vestidas desde o amanhecer e pendurando-as junto à porta para as lavadeiras matinais. Norton deu uma palmadinha nas costas de Peabody em jeito de comiseração ao saírem da sala de lambrins escuros, vagamente iluminada pela lareira a arder a fogo lento.

— O tempo vai provar que eles estão errados, Zeke — quase sibilou. — Prova sempre.

Quando o sino tocou a uma hora na igreja King's Chapel, os seis juízes dirigiram-se para a entrada e saíram para a noite perfumada a primavera. Logo a seguir, os criados entraram discretamente, cientes, por experiência, do quanto tarde a discussão mensal poderia terminar, dada a sua impetuosa-
de. Curioso, um deles olhou de relance para o volume, com o simples título

Emma, pousado em cima dos outros, antes de levar a pilha de livros da sala com as suas mãos revestidas a luvas brancas.

No outro lado do tribunal, o bibliotecário estava sentado, adormecido, no respetivo posto. Deu um pulo ao acordar de repente quando o criado pousou os livros, tossindo, e depois verificou o relógio, em pânico. A chegada do navio a vapor dos correios SS *China* estava prevista para dentro em breve, vindo de Portsmouth, e trazia uma dúzia de jornais britânicos diferentes que o bibliotecário tinha de colocar nos gabinetes de cada juiz até ao despontar do dia. Antes de se dirigir à alfândega para ir buscar as notícias, porém, ainda tinha uma última tarefa a realizar.

Depois de colocar os livros num carrinho de mogno vazio, o bibliotecário empurrou-o até à primeira fila de estantes. Um a um, com todo o cuidado, devolveu cada volume ao respetivo lugar já gasto sob uma placa ebúrnea do tamanho de um selo do correio, primorosamente marcada com AU, e pela ordem rigorosa de composição:

A Abadia de Northanger
Sensibilidade e Bom Senso
Orgulho e Preconceito
O Parque de Mansfield
Emma
Persuasão

DOIS



NO QUE A RAPARIGA PALESTRANTE VEM À CIDADE

NA MANHÃ SEGUINTE

Beacon Hill, 6 de abril de 1865

— **E**ntão, pai, quem obteve maioria? *Emma* ou *O Parque de Mansfield*? William Stevenson respondeu de detrás do jornal à cabeceira da mesa do pequeno-almoço.

— *Emma*, claro.

Charlotte, sedenta de vitória não obstante a altura do dia, aclamou ao de leve. Nos últimos dois anos, depois da sua formatura da Academia Peacock da Menina Pride, Charlotte pedira à irmã mais velha, Henrietta, mais reservada mas não menos radical, para a levar a todas as reuniões de sufragistas a uma distância possível de percorrer de carruagem. A academia transformara as duas filhas de William em senhoras, mas falhara na questão de torná-las aptas para a faculdade, tornando-as descontentes mas igualmente obedientes. Lucy Stone, Julia Ward Howe, Angela Grimké — Nova Inglaterra não tinha falta absolutamente nenhuma de mulheres zangadas. E pareciam ir ficando cada vez mais zangadas, à medida que o século ia avançando.

Charlotte deu um beijito na face esquerda do pai antes de ir até ao aparador para atafullhar o prato até cima com panquecas, salsichas e ovos. Sendo ele próprio um vegetariano rigoroso, William ficava sempre admirado com a alimentação voraz da filha mais nova. Era um homem rigoroso em muitos aspectos, tendo-se tornado ainda mais a seguir à morte precoce da sua mulher. A perda prematura provocava uma coisa: uma tomada de consciência de algo de que os cartógrafos antigos tinham tido razão. Uma pessoa navegava demasiado depressa, com demasiada felicidade, até que as profundezas

mais sombrias do oceano sucumbiam à sua ameaça desconhecida: *Aqui há monstros*. Enquanto viúvo, a forma como William lidara com duas meninas pequenas fora fechando as escotilhas perante tudo o que pudesse surgir.

O seu único prazer eram os livros — nunca havia demasiados. Na verdade, fora ele que sugerira a criação de um círculo de leitura no supremo tribunal estadual. Os sete juízes encontravam-se com regularidade para discutirem sobre personagens de ficção como uma mudança agradável dos rígores do cargo que ocupavam no tribunal. Em oposição, os círculos de leitura das mulheres locais começavam a tornar-se cada vez mais expressivos em questões sociais em geral. Impedidas de frequentar a maioria das universidades, mulheres como as suas filhas estavam determinadas a encontrar os seus próprios espaços intelectuais.

O espaço preferido de William era a sua biblioteca em casa, da qual as suas filhas sempre tinham usufruído de acesso total. Henrietta, em particular, passava horas sentada à enorme secretária dupla de pedestal, agarrada a textos jurídicos e panfletos políticos antigos. Agora, quando as filhas lhe respondiam com citações de Thoreau ou Milton ou Carlyle, William tinha noção de que a culpa era toda sua. No entanto, adorava a curiosidade própria da juventude delas, muito à semelhança da mãe delas, que também o manti- veria jovem durante algum tempo.

— A Henrietta já vai descer?

Sentando-se à esquerda dele, Charlotte acenou com a cabeça entre dentadas na salsicha, enquanto finos fios de óleo escorriam entre os seus dedos compridos e desnudos. Nenhuma das filhas dele usava joias — todas as joias da sua falecida mulher continuavam guardadas no guarda-joias de vidro opalino na mesinha de toucador dela, ao lado da escova de cabelo intacta e do frasco meio vazio de essência de rosas. Desde a infância que ambas as raparigas se dedicavam à escalada, escavação e escrita secreta. William só esperava que estivessem a redigir romances inofensivos lá em cima naquele sótão das duas.

— Em qual é que o Nash...

— O juiz Nash — ele corrigiu Charlotte.

— ... em qual é que o juiz Nash votou? — Ela lambeu os dedos para lhes tirar a gordura de salsicha e depois encharcou as panquecas em xarope de ácer, com o jarro que pintara quando andava na escola da Menina Pride. Aqueles dias mais simples de música, arte e compostura, recordava o pai com nostalgia: lições de francês para a Charlotte, alemão para a Henrietta, latim em casa para as duas.

— Ele é tão suscetível aos encantos do *Emma* quanto qualquer outra pessoa.

— Aposto que sim. — Charlotte sorriu. — Foi mais uma decisão renhida? William deu um gole de café.

— A minoria habitual, embora o juiz Norton tenha feito algumas observações bastante pertinentes acerca do Julgamento de Mansfield.

— Do Lorde Mansfield? — indagou Henrietta à entrada, curvando-se ligeiramente sob o dintel da porta. Ela era a mais alta da família, e o facto de usar botas de salto alto e de recorrer à moda dos penteados elaborados para amontoar o cabelo no topo da cabeça só acentuava ainda mais essa questão. Isto tornava-a mais alta do que a maioria dos homens que conhecia, e corria o risco de perdê-los como pretendentes, o que deixava o pai dela preocupado. Prestes a ficar solteirona aos vinte e cinco anos de idade, poderia somente a altura estar a impedir Henrietta de se casar? Quem saberia? Enquanto Charlotte, de vinte anos, era filha da mulher dele, energética e destemida, Henrietta era um mistério para ele e impossível de decifrar, o que era especialmente estranho, já que ela era a mais parecida com ele.

— Sim, o juiz que deu início à abolição da escravatura em Inglaterra, muito antes dos nossos Estados Unidos. — William Stevenson pousou o exemplar semanal do jornal abolicionista *The Liberator*. — Mas agora os dois países estão do mesmo lado dessa questão. A paridade entre nações e povos é algo maravilhoso. Afinal de contas, os nossos antepassados saíram de Inglaterra devido à perseguição religiosa. É mais do que justo que coloquemos a nossa casa em ordem.

Henrietta aproximou-se para dar um beijo na face direita do pai («A direita fica para a Harry, a esquerda para mim», declarara Charlie bem cedo) antes de se dirigir ao aparador. Ao regressar com um prato de fruta, torradas e compota, sentou-se à direita dele e acenou com a cabeça para o jornal em cima da mesa entre eles.

— O Garrison diz que vai fechar o *The Liberator* para se concentrar nos direitos das mulheres, agora que a escravatura já está a ser abolida.

— A guerra ainda não chegou ao fim. — Ultimamente, William Stevenson reparava nisto em relação a toda a gente: a ânsia, passados quatro longos anos, de simplesmente se andar com as coisas para a frente. Mas a lei requeria tempo, e a justiça ainda mais. Quanto ao voto que as filhas dele tanto queriam, algo por que William não lhes levava a mal, temia que o sufrágio demoraria muito mais tempo do que as mulheres zangadas de Nova Inglaterra estavam dispostas a aceitar.

Henrietta e Charlotte colocaram uma mão cada sobre uma mão dele.

— Sim, querido pai — começou Henrietta a dizer com ternura —, mas com a queda de Richmond, de certeza que passámos a pior parte. Diz-se que o Lee deve renunciar não tarda nada.

— Num registo mais alegre — disse Charlotte, enquanto descascava um ovo cozido —, qual vai ser a leitura seguinte dos juízes?

— O juiz Peabody lançou o isco para começar o *Moby Dick*, dada a influência de Carlyle, mas o juiz presidente fez pressão para que fosse o *Persuasão* e ganhou. Na verdade, votámos, quatro a dois, para analisarmos todas as obras de Austen ao longo das férias judiciais do verão.

— *Persuasão* é a obra-prima dela — declarou Henrietta com firmeza.

— Dizes isso de todos — retorquiu William com um sorriso.

O relógio de pé no *hall* de entrada deu as nove horas, e Charlotte levantou-se num ápice.

— É melhor despacharmo-nos, Harry! — As duas raparigas dobraram os guardanapos e despediram-se do pai com um beijo. Faziam tudo juntas, numa frente unida com saias interiores.

— Não vamos lanchar — gritou Henrietta da entrada para o pai. — O Garrison trouxe a Rapariga Palestrante, Anna Dickinson, de volta ao Music Hall.

— Imagina só ter a nossa idade — lamentou Charlotte, com inveja —, viajar por todo o mundo e dar palestras, a primeira mulher a alguma vez ser convidada para falar perante o Congresso.

— Imagina só — disse William, enquanto elas saíam a correr. Mas, bem fundo no seu coração, não fez nada disso. Ele queria o mundo para as filhas, mas queria um mundo conhecido, um que já tivesse sido descoberto e organizado ao pormenor. Sem surpresas imprevistas, sem leões nem monstros à espreita. Tinha um orgulho imenso da inteligência das suas duas filhas, mas tinha a certeza, e via isso em prática todos os dias, que o mundo ainda não estava pronto para algo que fosse além da mera posse de intelecto.

O Boston Music Hall, na Winter Street, fora construído em 1852 com dinheiro de Harvard. A par do seu enorme teto artesado e galerias de vários níveis, o recinto albergava o primeiro e maior órgão de tubos da nação. Como era notório, tinham-se reunido aqui vários abolicionistas, entre eles Frederick Douglass, Harriet Beecher Stowe, Harriet Tubman e William Lloyd Garrison, para festejarem a Proclamação de Emancipação que entrou em vigor quando os sinos da igreja tocaram em 1863.

O editor do jornal, Garrison, adorava trazer a Rapariga Palestrante à cidade. Quando tinha apenas treze anos, Anna Dickinson, filha de quacres devotos e abolicionistas, escrevera, indignada, ao *The Liberator* devido ao tratamento denunciado do diretor antiesclavagista de uma escola no Kentucky. Agora, com vinte e poucos anos, Dickinson falava com um estilo entusiasmante e poético para multidões que sobrelotavam recintos acerca da questão da igualdade de direitos para todos. Devorara clássicos literários quando era criança — um exemplo que não se perdera com as tão dadas à leitura irmãs Stevenson — e possuía um dom natural para a retórica.

A luz do dia derramava-se pelas janelas abobadadas no cimo dos quatro andares do Music Hall, projetando um cone de esplendor sobre Dickinson, de pé, sozinha no pódio, uma mera rapariguinha banal — até começar a falar. Henrietta e Charlotte observavam-na da galeria mais próxima acima do palco, arrebatadas. Charlotte prestava atenção ao modo como a Menina Dickinson utilizava o olhar intenso e as mãos animadas para conquistar o público. Charlotte queria ser atriz, algo que muitos na sociedade delas consideravam ainda mais parecido com prostituição do que ser-se enfermeira.

Henrietta, por outro lado, sentia mais curiosidade pela utilização que Dickinson fazia da linguagem — especialmente pelo seu estilo despretensioso de pergunta-resposta — para apoiar o seu apelo aos direitos das mulheres. Havia dezenas de truques de retórica a que se podia recorrer para fins de persuasão, e a Rapariga Palestrante parecia dominá-los a todos. Henrietta reparou com particularidade no ritmo e na cadência agradáveis dos exemplos e das hipóteses apresentados por Dickinson:

As viúvas que veem as casas que ajudaram a adquirir, as terras que ajudaram a comprar, a própria casa em que têm servido com o seu trabalho doméstico, retiradas da sua posse por uma decisão injusta de um marido moribundo e por uma lei perversa...

Já estão elas devidamente representadas e têm todos os direitos que pretendem?

Elas, as mulheres casadas trabalhadoras que, enquanto lutam arduamente para salvar uma casa, para educar os filhos devidamente e vesti-los com decência, veem os seus próprios salários a irem, semana após semana, ano após ano, diretos para os maridos ou a serem-lhes retirados por estes para serem esbanjados em futilidades e vícios, e que ainda assim seguem em frente, persistem,

suportando tudo em vez de se separarem dos filhos, que a lei entregaria ao controlo degradante do marido...

Já estão elas devidamente representadas e têm todos os direitos que pretendem?

Ambas as irmãs acenavam com a cabeça de forma entusiasmada a cada argumento que Dickinson apresentava. Ao olhar em torno para o público, de modo a atestar o impacto do discurso, sem querer, Charlotte reparou em Denham Scott, que estava a assistir na galeria oposta à delas. Scott era um correspondente no estrangeiro do jornal *Reynolds's Newspaper*, enviando para Londres comunicações relacionadas com a Guerra Civil e outros acontecimentos americanos das áreas política e legal duas vezes por mês. Há pouco tempo, começara a perscrutar liceus e anfiteatros, numa tentativa de determinar o estado de espírito da nação em luta no que dizia respeito aos direitos das mulheres. Embora as mulheres americanas estivessem um nadinha adiantadas em relação às suas homólogas britânicas nesse contexto, começava a verificar-se alguma agitação em casas de chá e círculos de leitura em ambos os lados do Atlântico.

Denham acenou com a cabeça para Charlotte e depois apressou-se a rabiscar algo no seu bloco de notas de repórter. Ela não lhe correspondeu e, em vez disso, deu uma cotovelada delicada a Henrietta.

— Lamento muito, Harry — sussurrou Charlotte. — Devo ter chamado a atenção dele.

Assim que a Rapariga Palestrante terminou o discurso, Henrietta fez a irmã mais nova sair do Music Hall com toda a pressa.

— Menina Stevenson! Charlotte! — Denham Scott chamou-as por entre a torrente da multidão a sair. Quando não estava a escrever, Scott estava a correr. Alto e esgalgado, com cabelo acobreado a cair-lhe sobre as maçãs do rosto proeminentes, nunca parecia preocupado, só apressado. Andava sempre atrás de uma história, sempre à procura de uma forma de entrar precisamente no mundo dos privilégios que ele denegria por escrito.

— Minhas senhoras, por favor, umas palavrinhas sobre a Menina Dickinson?

— A Harry é que é a escritora — gritou Charlotte, enquanto ela e Henrietta se viravam para o encararem. — O seu jornal só fazia bem em contratar alguém tão eloquente quanto ela.

— Não duvido que a Menina Stevenson seria notável no que quer que decidisse fazer. — Denham inclinou a cabeça para ela. — E a atuação de agora mesmo, da vossa Rapariga Palestrante? Como a avaliariam?

— Chama a isto uma *atuação*, é? — retorquiu Henrietta.

Denham sorriu como se um ardil secreto tivesse funcionado.

— Chamo-lhe dramaticamente eficiente, sim.

— Mas não eloquente? — Henrietta devolveu o sorriso. — Porque não há dúvida de que consegue ser ambas as coisas. Ou só o é com palestrantes masculinos?

— Não acha que ela tem algo de hipnotizante?

— Ora ora, Senhor Scott, parece não precisar de palavras minhas, ao que parece já escreveu o seu artigo. — Henrietta virou-se para, com um ar de triunfo, empurrar uma Charlotte às risadinhas em frente por entre a multidão.

— Harry, Harry! — Charlotte chamou-a assim que estavam fora do alcance da audição de Scott. — Tenho a certeza de que ele gosta de ti! Quer sempre a tua opinião sobre tudo!

— Há coisas que devem permanecer secretas — disse Henrietta com um suspiro, enquanto Charlotte sorria.

— Imagina só que ele ficava a saber da carta.

Mas Henrietta fez sinal para que Charlotte se despachasse. Pois, afinal, o que elas andavam a escrever naquele sótão delas não eram romances inofensivos. Andavam a escrever algo totalmente diferente.

TRÊS



ALGUMA SATISFAÇÃO DE FICAR A SABER

NESSE MESMO DIA

Portsmouth, 6 de abril de 1865

*Almirante da Armada, Sir Francis Austen, Cavaleiro da Grande
Cruz*

*Portsdown Lodge, Hampshire, Inglaterra
26 de março de 1865*

Exmo. Sir,

Escrevemos-vos com enorme respeito perante o vosso estatuto e gratidão pela obra de vossa falecida irmã, a cujos textos fomos apresentadas com tenra idade, enquanto também nós irmãs devotadas, pelo nosso pai, o Senhor Juiz William Stevenson do Supremo Tribunal de Justiça de Massachusetts. Ele, por sua vez, ficou a conhecer a genialidade da Menina Austen através da nossa querida falecida mãe, Alice Gibbons Stevenson.

Escrevemos com respeito e gratidão, mas também em súplica, pois ansiamos saber mais sobre a Menina Austen. Os livros dela são muito populares no nosso círculo e ficaríamos imensamente gratas e honradas por recebermos quaisquer comentários acerca dela que possais considerar adequado partilhar, caso tenhais tempo e inclinação para tal.

Compreendemos a impertinência da presente súplica, mas confiai na nossa caridade e tolerância. No espírito do nosso pedido,

*oferecemos a nossa hospitalidade permanente, se alguma vez atra-
vessardes o mar na nossa humilde direção.*

*Por fim, podereis retirar alguma satisfação de ficar a saber que os
ilustres juízes do insigne supremo tribunal do nosso estado parti-
lharam a nossa devoção pelas obras da Menina Austen.*

Uma carta endereçada a

*«Menina Stevenson,
ao cuidado do Senhor Juiz William Stevenson,
Boston,
Massachusetts,
EUA»
chegaria ao seu destino.*

Sir Francis «Frank» Austen estava sentado junto à janela saliente do seu escritório, o seu fiel telescópio de madeira e bronze sobre um suporte ali perto, a carta de tom creme proveniente de Boston pousada na secretária Davenport atrás dele.

O almirante Austen era viúvo já pela segunda vez, o que poderia explicar o motivo por que, agora na casa dos noventa anos, pensava cada vez mais em amor e como alcançá-lo aos poucos. Ao olhar para o porto de Portsmouth a quilómetros de distância abaixo, lembrou-se de quando acompanhara a Princesa Carolina de Brunswick e a comitiva dela de Cuxhaven até Inglaterra há muitas luas. O à data tenente Austen e os outros homens solitários no mar haviam contemplado as melífluas saias e os cabelos encaracolados da cor do mel da princesa — e mais ainda a compostura desta sob o fogo dos canhões de França. Ia a caminho de se casar com um estranho, o príncipe e futuro Rei Jorge. A viagem estivera carregada da importância da ocasião, embora mais tarde se viesse a verificar que a união estivera condenada desde o início.

Frank, a quem chamavam «Mosca» quando era um miúdo travesso, era um romântico irremediável, tal como o pai e os irmãos dele haviam sido. No que dizia respeito ao amor, as mulheres da família Austen sempre haviam sido muito mais pragmáticas — e, como consequência disso, provavelmente muito menos satisfeitas. O Mosca entrara para a escola naval com a tenra idade de doze anos e a sua separação precoce da família entalhara um espaço vazio no seu coração que ele depressa tentou preencher. Deus — numa dedicação total e evangélica a Ele — fora a primeira incursão de Frank no amor.

Seguira-se a sua primeira mulher, Mary, que lhe dera dez filhos e falecera à chegada do décimo primeiro. Martha — a querida Martha, que a sua irmã Jane sempre condenara como o par perfeito para ele — fora o último e mais duradouro amor da vida dele.

A devoção de Frank a Deus, que o amparara ao longo de décadas de guerra contra Napoleão e os proprietários de escravos de Santo Domingo, finalmente começava a desvanecer-se juntamente com o seu próprio tempo neste mundo. Deste tinham sido poucos os que tinham visto mais do que ele: Egito, Índia, Turquia, Grécia, Itália, Bélgica, Espanha, América, México. No entanto, no fim o que ganhara com tudo isso? Algumas honras militares e condecorações, um novo título com um intervalo de poucos anos, começando com aspirante de marinha, passando por tenente e terminando naquelas que eram as mais excelentes graduações: de contra-almirante a vice-almirante até almirante da Armada. Entretanto, os livros da sua adorada irmã iam acumulando imortalidade a cada novo leitor e a cada ano que passava.

Estava uma noite fresca para primavera e a lareira ia esmorecendo como o ânimo de Frank. O criado George entrou para agitar as brasas com um aticador de ferro ornamentado, uma recordação de viagens remotas pela costa flamenga.

— Sir Francis, precisais que vos traga algo mais? — George era quase da idade dele. Não era de admirar que Frank se sentisse faminto de energia e companhia jovem. A solteirona da sua filha, Fanny-Sophia, não substituía nada disso.

— Só a correspondência de hoje, George. Obrigado.

George levou-lhe a carta e fechou a porta do escritório atrás de si; a Lua na janela brilhava tanto quanto uma pérola de água salgada; em breve, o quarto por cima foi embalado pelo ressonar. O almirante Austen colocou os óculos e desdobrou o papel grosso, que fora delicadamente aromatizado por uma mão feminina longínqua. Inspriou a capitosa fragrância exótica a jasmim e mimosa antes de voltar a ler.

QUATRO



Ó, CAPITÃO! MEU CAPITÃO!

Beacon Hill, 18 de abril de 1865

Uma carta assinalada ao cuidado da Menina Stevenson deslizou pelo chão sob a porta. Henrietta e a irmã estavam deitadas na cama em lados opostos do sótão, em lágrimas, enquanto o corpo do presidente Abraham Lincoln jazia no seu próprio velório. A carta, redigida há apenas onze dias, não passava agora de um talismã intencional com ainda menos importância do que uma relíquia de uma época mais inocente. Vestidas de preto de luto, despojadas de esperança, as irmãs perguntavam-se se alguma vez voltariam a sentir-se felizes num mundo cujos cidadãos pareciam decididos a destruírem-se uns aos outros. Tendo o general Lee acabado de se render ao exército da União, havia uma guerra que estava de facto a chegar ao fim. Por sua vez, o que pressagiava o assassinato do querido presidente delas?

O envelope cor de creme persuadiu Henrietta Stevenson a sair da cama. Assim que viu o nome do remetente, chamou Charlotte. Charlotte, que raramente parecia cansada ou consumida e cuja beleza só parecia aumentar a cada novo dia, apresentava uma ruga nova entre os olhos por franzir o sobrolho; naquela manhã, Henrietta acordara com o choque do seu primeiro cabelo grisalho. O mundo fora da casa delas estava, literalmente, a fazê-las envelhecer.

Sentaram-se lado a lado na beira da cama de Charlotte, enquanto Henrietta lia a carta em voz alta.

*Menina Stevenson, ao cuidado do Senhor Juiz William Stevenson,
Boston, Massachusetts, EUA*

7 de abril de 1865

Cara Menina Stevenson,

Em primeiro lugar, permita-me assegurar-lhe que a sua carta foi recebida com a mais franca gratidão pelo seu conteúdo e recetividade ao pedido que trazia — ou, como a minha irmã escreveu outrora de forma muito mais elegante pela voz de Fitzwilliam Darcy: «Não fique alarmada, Madame [sic], ao receber esta carta...»

Em segundo, sou um grande admirador da sua sociedade, tendo no passado comandado a base norte-americana e das Índias Ocidentais da marinha britânica nos anos de 1845 a 1848. Não sou o único entre a minha família a ter passado algum tempo no outro lado do Atlântico, mas afirmo ser o mais inclinado a sair em defesa deste.

Por fim, pergunta se posso partilhar alguns comentários no que diz respeito ao espécime da minha irmã. Seria um privilégio fazê-lo. Da vivacidade da imaginação e da jovialidade dos seus devaneios, bem como da veracidade da descrição do carácter e do conhecimento profundo da mente humana, há indícios quanto baste nas suas obras. — Menos evidente, mas não menos impressionante, ela tinha um temperamento alegre e não se irritava com facilidade e, embora bastante reservada perante estranhos, ao ponto de ter sido acusada por alguns de modos arrogantes, na companhia das pessoas que amava, porém, exibia energicamente a benevolência inata do seu coração e a amabilidade do seu temperamento. Em tais ocasiões, era a companhia mais agradável e com as suas saídas espirituosas e brincadeiras bem-humoradas raramente era incapaz de entusiasmar o regozijo e a hilaridade da festa. Ela gostava de crianças e estas tinham-na como preferida delas. Não havia maior delícia para os sobrinhos e as sobrinhas dela, que eram tantos, se não juntarem-se à volta dela a ouvirem as histórias da Tia Jane.

Espero que o conteúdo da presente carta vá ao encontro do seu contentamento e aprovação e que a nossa correspondência sirva

de exemplo para a boa-vontade que pode existir, e certamente existe, entre as nossas duas nações.

*Respeitosa e atenciosamente,
Francis W^m Austen*

— Imagina — falou Henrietta, finalmente, pasmada. — O próprio irmão de Austen, o mais próximo da idade dela. Os dois tão chegados quanto nós somos!

— Ah, não, Harry. Ninguém consegue sê-lo tanto assim — respondeu Charlotte, e Henrietta deu-lhe uma palminha carinhosa na mão. — Mas ele é o único irmão que resta, segundo dizem... O que havemos de responder?

Sentadas à secretária que partilhavam, Henrietta bateu com a sua elegante caneta de aço contra a base mata-borrão várias vezes enquanto pensava.

— Pedimos um autógrafo ao Senhor Dickens, embora ele não nos tenha obsequiado.

— Mas Sir Francis parece ser muito amável — referiu Charlotte com prontidão. — Invulgarmente amável.

Henrietta parou de bater com a caneta e começou a escrever. Charlotte ficou a observá-la sobre o ombro, igualmente preocupada com a resposta. Venerava a Menina Austen, que ficava somente em segundo lugar logo a seguir ao Senhor Dickens, apesar da falta de correspondência bem-sucedida com este. Mas as duas raparigas permaneciam impávidas e serenas na sua busca por pepitas literárias, a sua própria Corrida ao Ouro, a única maneira que tinham de se mexerem.

Quando Henrietta acabou de escrever, Charlotte pulverizou a folha com a fragrância que escolhera para evocar a sensualidade de climas longínquos. Não conseguia resistir a este estratagema ameninado, de tão determinadas que as duas irmãs estavam em cair nas boas graças e chamar a atenção do almirante.

— Espero que não tenhamos sido demasiado atrevidas com este pedido novo.

— Não há maldade alguma em perguntar. — Charlotte voltou a deixar-se cair na cama dela. — Quem me dera que pudéssemos pedir ainda mais. Ó Harry, visitar Inglaterra um dia, todos aqueles museus e igrejas, o *teatro*. Mas o pai nunca nos levará lá. Nem sequer passou para lá de Manhattan desde que a mãe morreu.

O sino tocou para o jantar e, com cuidado, Henrietta meteu as duas

cartas dentro do exemplar de *Orgulho e Preconceito* da mãe delas. Era a edição de 1833, da gráfica de Filadélfia Carey & Lea, publicada quando Alice Gibbons estivera presa no seu próprio quarto de infância. Nessa altura, Jane Austen já era uma estrela em Filadélfia, uma constelação literária descoberta e trazida para a luz do dia por Mathew Carey, da Cidade do Amor Fraternal, em 1816. *O que vira Carey nessa altura*, perguntava-se Henrietta, *que tantos não tinham visto nem mesmo em Inglaterra?*

Carey fugira da Irlanda em 1781 como refugiado político, indo para Paris, onde Benjamin Franklin, um filho de Boston e primeiro embaixador da América, o tomara sob a sua proteção. Quando Carey emigrou para a América alguns anos depois, Franklin voltou a auxiliá-lo, ajudando-o a conseguir dinheiro para abrir uma editora e livraria. Isto era agora conhecido como o Efeito Ben Franklin: «*Aquele que já te fez um favor tem mais tendência a fazer-te outro do que alguém a quem tu próprio já fizeste um favor.*»

Henrietta era fascinada por esta noção contrária. Nunca pedia grande coisa, essa era a maneira de ser de Charlotte. Charlotte era a sortuda, com a sua pata de coelho dentro de um saquinho (uma prenda de formatura do cocheiro Samuel e da Senhora Pearson, a cozinheira), conseguindo sempre o papel principal em todas as produções teatrais da Academia Peacock, e com a sua irresistibilidade geral para os homens. Mas e se a sorte de Charlie não passasse de uma mera disposição para arriscar? Afinal de contas, na vida, por mais amabilidade que se pedisse, tanto se podia ganhar quanto se podia perder, mas, pelo menos, de vez em quando lá se ganhava.

Na verdade, para começar, fora o facto de Charlotte a espicaçar que dera coragem a Henrietta para escrever ao almirante Austen, tal como a máxima de Franklin estava agora a dar-lhe coragem para voltar a escrever. Henrietta ia buscar inspiração onde podia: embora estivesse empenhada no progresso das mulheres, faltava-lhe uma ambição exclusiva ou ousada para si mesma. Entretanto, os pretendentes masculinos iam e vinham, confrontados com o escudo do silêncio e das barreiras dela. Só ela se lembrava da casa feliz da infância de ambas e de como se desmoronara. Tinha medo de se desmoronar ainda mais.

Mas Henrietta conseguia sentir que, a cada nova palestra, a cada nova tentativa de correspondência, o seu ser naturalmente cauteloso ia cedendo perante a esperança de êxito. A resposta amável do almirante — quem teria previsto tal coisa? Talvez a sua própria vigilância secreta dos outros tivesse estimulado uma compreensão de almas com maneiras de pensar idênticas — afinal talvez houvesse muitas mais mentes parecidas no mundo.

Quanto a quaisquer efeitos imprevistos da correspondência das irmãs com Sir Francis, o mundo à volta delas já começava a desintegrar-se. Como era possível que as coisas pudessesem ficar tão afetadas por o que quer que duas raparigas fizessem?